

RELIGIOSIDADE POPULAR E FENOMENOLOGIA RELIGIOSA

Antes de tudo, é preciso ter presente que religiosidade popular não é o mesmo que fenomenologia religiosa, embora estejam intimamente vinculadas entre si. A fenomenologia religiosa é uma ciência que estuda o significado profundo das várias atitudes religiosas que o homem toma motivado por uma experiência religiosa. A religiosidade popular é o complexo destas atitudes condicionadas por alguma estrutura cultural, como a dos primitivos, que se dedicavam à caça, à pesca, à coleta de frutos, ou a dos povos sedentários, dedicados às técnicas agrárias e industriais.

Quando hoje em dia se fala em religiosidade popular, tem-se em vista o fenômeno tão sugestivo das formas religiosas adotadas pelo povo católico em discrepância ou à margem das formas propugnadas pela Igreja Hierárquica. No entanto, o fenômeno é encontrado em outros sistemas religiosos, sempre que são erigidos em sistemas institucionalizados. Assim aconteceu com o Brahamanismo que,

tendo-se tornado demasiado especulativo, deu ensejo ao surgimento de um movimento religioso mais consoante com as tendências existenciais dos indianos, dando origem ao Hinduísmo. Assim aconteceu com o Budismo Hynayana que, devido ao seu agnosticismo radical, motivou o Budismo Mahayana, no qual o povo pode dar expansão às suas tendências pietistas e aos seus anseios de salvação mística. O mesmo pode-se dizer da própria religião grega que, tendo-se estratificado no cultos dos deuses olímpicos, deu lugar ao desenvolvimento das religiões místicas, nas quais o povo pode encontrar tanto a satisfação dos transe frenéticos como a exaltação controlada dos ritos de iniciação.

Mas, não há dúvida, o fenômeno é mais evidente nas religiões de fundo bíblico, isto é no judaísmo, no cristianismo e mesmo no islamismo, justamente porque se trata de sistemas religiosos de sentido verticalista, pois partem de uma Palavra de Deus dirigida ao homem, e

não, propriamente, de uma busca de Deus através das cousas criadas. De fato, a Bíblia não procura, em primeiro lugar, oferecer ao homem formas populares de cultuar a divindade, em consonância com suas tendências pietistas, mas propõe uma mensagem de salvação de sentido altamente ético, que se dirige antes de tudo ao homem interior, cujo espírito procura elevar a concepções da divindade e do destino do homem na terra muito superiores às oferecidas pela religiosidade comum. A veemente polêmica que os profetas de Israel travaram contra os mitos e ritos cananeus, profundamente vinculados às tendências existencialistas do povo semita, de cultura agrária, não só definem a pureza da fé em Javé mas também denunciavam a profunda aberração ética e teológica que se encontra na religiosidade popular daquela cultura. Nesta mesma linha devemos colocar a polêmica de São Paulo contra o paganismo de seu tempo, e a de Maomé contra o politeísmo das tribos árabes do deserto. Notemos, entretanto, que o judaísmo, superando as aberrações da religiosidade dos cananeus, contudo assimilou suas formas exteriores de culto, dando-lhes novo sentido religioso. Também o cristianismo, tendo superado as alienações e falsidades do paganismo clássico, de gregos e romanos, assimilou não só alguns de seus ritos como tam-

bém a sua estrutura hierárquica, inclusive o título de Pontífice Máximo. O mesmo se diga com respeito ao islamismo, que, ao passar para as culturas mais adiantadas da Mesopotâmia e da Pérsia, assimilou as tendências especulativas e místicas das mesmas, cujo fruto foi o islamismo sufista.

Certamente, estes fatos sugerem uma análise de tipo sociológico, como já tem sido feito por competentes especialistas nesta ciência. Nós, porém, queremos deter-nos na análise da religiosidade popular como fenômeno religioso, porque é em formas religiosas que ela principalmente se manifesta.

A nosso ver, duas perguntas se impõem:

- Por que, na sua contestação à religião institucionalizada, o povo reage adotando tais e tais formas religiosas?
- Será que estas formas religiosas populares têm algum valor teológico em si mesmas? No caso afirmativo, como deverão ser tratadas pastoralmente?

Para responder corretamente tanto a uma como a outra questão, parece-nos indispensável ponderar o que Mircea Eliade, conhecida autoridade em fenomenologia religiosa, nos diz a respeito da experiência religiosa. Segundo este autor, a experiência religiosa assume duas tipologias bastantes distintas

entre si: uma, que ele chama de hierofânica, consiste na experiência do Sagrado, ou seja do "mistério temeroso e fascinante", segundo a terminologia de R. Otto, que se revela nas cousas criadas: astros, fenômenos atmosféricos, seres inanimados e mesmo seres animados; outra, que ele chama de teofânica, que se verifica quando Deus mesmo se manifesta em sonhos ou visões.

A experiência hierofânica interessa-nos de modo particular, porque nela encontramos os elementos elucidativos da religiosidade popular.

Com efeito, a experiência hierofânica é antropológica e horizontalista, pois parte do homem que entrevê nas cousas, que o cercam e condicionam a sua existência, um mistério profundo, que tanto o atemoriza como o fascina, porque escapa ao seu domínio e compreensão. Daí as atitudes aparentemente contraditórias, mas bem humanas, que ele adota diante de qualquer coisa que, por seu aspecto, sua influência, seu poder, foge aos padrões normais: uma árvore, uma pedra, uma montanha, o sol, a lua, os ventos, o raio destruidor, as chuvas fecundantes... Atitudes contraditórias, de temor, porque estas cousas, estes elementos, estas potências impõem-se despoticamente, quer quando lhe são favoráveis quer quando lhe causam terríveis transtornos; e de fascínio,

porque lhe suscitam curiosidade e reflexão.

É fácil compreender que, diante de tais experiências, o homem seja levado a crer em potências sobrenaturais, presidindo a tais fenômenos, potências com as quais ele deve entrar em contato para coibir os seus malefícios ou conseguir os seus favores. Temos, assim, o caminho aberto para a crença em seres divinos ou mesmo em um Ser Supremo, aos quais o homem se dirige com os meios de comunicação que lhe são próprios: a palavra, na prece; o gesto, no rito; o dom, no sacrifício. Assim nasce o culto religioso.

Não se pode negar que este processo para chegar a Deus é legítimo em si mesmo, pois as cousas criadas, segundo a Bíblia, falam do Criador. A chamada teologia natural (teodicéia) não é outra coisa do que a "racionalização" deste processo, que é espontâneo e mesmo incoercível no homem comum.

Mas notemos esta importante circunstância: na experiência hierofânica o homem eleva-se a Deus por meio de experiências religiosas válidas, mas condicionadas ao ambiente e à cultura, que podem induzir o homem a uma concepção falsa do divino, ou ao menos deturpada. É o que São Paulo quer significar quando diz que o homem sem a Revelação anda a procura de Deus como às "apalpadelas"... (Rom. 1,20; At 17, 26-27).

Nisto queremos insistir: o processo hierofânico é de si mesmo ambíguo: tanto pode levar a Deus como dele afastar. Assim se compreende que nos sistemas religiosos não-bíblicos podemos encontrar reflexões altamente válidas sobre a divindade como também concepções profundamente comprometidas com as paixões humanas, como no caso do culto do sexo.

Ora, a religiosidade popular, como reação espontânea do povo perante o mundo que o cerca e os problemas de sua existência, participa desta ambigüidade teológica. De um lado, manifesta a legítima procura de um diálogo com a divindade, empregando os meios de comunicação que lhe são próprios: a linguagem desativada, e não a linguagem técnica; o gesto dramático, e não a liturgia comedida; o contato imediato com os objetos sagrados, e não o ritual distante dos sacerdotes...

São atitudes, repetimos, legítimas em si mesmas, e por isso não podem ser combatidas sob pena de tirar ao povo o que Deus mesmo lhe concedeu: o direito de procurar dialogar com a divindade a seu modo, com os recursos que lhe são próprios.

No entanto, justamente porque são atitudes espontâneas, e não arrimadas em uma Revelação específica, condicionadas a culturas determinadas e a problemas existenciais do momento, e não orientadas por legados

divinos autênticos, podem ser deturpadas de sua finalidade primordial, como de fato o são, dando origem a atitudes condenáveis e mesmo a concepções erradas, que motivam a crítica dos sociólogos e assustam os responsáveis pela ortodoxia, atitudes estas que podem ser alinhadas nestas três dimensões: subjetivismo, pragmatismo, alienação. Em outras palavras, a religiosidade popular, enquanto é expressão espontânea de comunicação com a divindade, não têm consistência doutrinária, nem mesmo ritual. Ela voga segundo o vento da instabilidade emocional, das influências culturais, dos problemas econômicos e sociais. Por isso, não é de admirar que as povoações do campo, ao transferirem-se para a cidade, provem a necessidade de novas atitudes religiosas, muitas vezes com sacrifício da fé que tinham cultivado.

Temos no Brasil vários exemplos desta instabilidade ou volubilidade da religiosidade popular. Mas o mais claro exemplo é o caso da Umbanda, que se pode chamar de religiosidade popular de tipo urbano, cuja característica é o sincretismo, pois de fato este movimento religioso se alimenta das principais correntes religiosas estabelecidas nas cidades, como o animismo dos africanos, o espiritualismo dos orientais (espiritismo) e o sacramentalismo da igreja católica.

No caso específico do Candomblé, temos outro processo de evolução religiosa, tipicamente hierofânico. O que a princípio não passava de puras "hierofanias" do Ser Supremo, ou seja de Olorum, Pai do céu, com o tempo e a necessidade de um maior contato com a divindade, passou a personificar as próprias forças naturais, donde origem ao culto dos "orixás". Trata-se do conhecido fenômeno da "especialização": o Ser Supremo, embora continue a representar a divindade por excelência, não é mais cultuado, tornou-se um "deus ocioso" na sua transcendência, pois, embuçado nos céus, pouco ou nenhuma influência exerce nos acontecimentos humanos, enquanto as suas "hierofanias", ou seja as forças naturais por meio das quais ele intervém na terra, adquiriram consistência de "espíritos", que passaram a ser invocados como divindades especializadas em suas funções: orixás das águas, do trovão, da fertilidade, etc. Por isso, a nosso ver, a "evangelização" dos adeptos do Candomblé deveria começar pela reintegração de Olorum nas suas prerrogativas de Ser Supremo, e na redução dos orixás às suas primitivas funções de simples "hierofanias".

Justifica-se, assim, a preocupação dos responsáveis pela Religião Revelada frente à religiosidade popular. Mas esta preocupação não deve nunca

assumir uma atitude puramente negativa e condenatória, antes compreensiva e de "evangelização".

Quando vemos que Javé na Bíblia, ou Moisés em seu nome, não duvida em organizar o culto religioso de Israel assimilando elementos da religiosidade popular de seu tempo, como os sacrifícios e as bênçãos do Templo, e quando temos presentes as normas de "evangelização" dadas pelo papa Gregório Magno aos missionários enviados aos anglo-saxões, no sentido de admitir todas as práticas religiosas destes povos que não pugnassem abertamente contra a moral e a doutrina cristã, então não vemos porque exigir do povo brasileiro uma participação tão exclusiva da liturgia católica, — que, aliás, é em grande parte devedora da religiosidade dos povos celtas e germânicos —, que exclua qualquer outra manifestação popular, embora mais consoante com a mentalidade de nossa cultura popular.

O povo quer falar a Deus na sua linguagem de cada dia, quer entrar em contato com ele segundo as expressões de sua cultura, quer oferecer a Deus os dons que lhe estão à mão.

Parece-me que a verdadeira "evangelização" deverá levar em conta estes condicionamentos culturais para orientá-los doutrinariamente, como aliás recomenda o próprio documento

de Paulo VI, sobre a Evangelização.

Em particular, não vemos porque condenar as procissões, as novenas, as promessas, as velas acesas, os toques de estátuas e imagens, a devoção aos santos e às almas. Afinal, tudo isso pode ser "evangelizado" e servir de alimento para uma sólida piedade.

Apesar de tudo o que se tem escrito contra a atitude do Cardeal D. Sebastião Dias Laranjeira perante a religiosidade popular, parece-nos que é certa a sua afirmação de que falta ao povo "doutrinação" ou, para usar uma palavra mais atualizada, "evangelização", e não, simplesmente, "desmitização".

A religiosidade de nosso povo é legítima em si mesma, mas deturpada por notável ignorância da verdadeira doutrina católica, e isto não só por motivos sociológicos, de contestação da fé oficial, mas por falta de "evangelização", pois mantém-se dentro da visão católica do mundo e do sobrenatural, embora procure arrimá-la em práticas suspeitas de sentido mágico, e adorná-la com elementos espúrios de outros sistemas religiosos.

Afinal, se o cristianismo conseguiu superar o paganismo da antiguidade, não foi só porque tinha uma mensagem mais elevada, mas também porque oferecia, para satisfação da religiosidade popular daqueles tem-

pos, elementos realmente fascinantes, como o culto a um personagem concreto, Jesus de Nazaré, Messias e Senhor, a iniciação pelo batismo, que garantia a filiação divina, e a celebração eucarística, que propiciava a comunhão com Cristo... A própria devoção a Maria Santíssima, mãe de Jesus, foi de grande importância para superar o culto da Grande Mãe, tão arraigado nas populações pagãs do Mediterrâneo. E o culto dos mártires veio em boa hora substituir o culto dos mortos, que motivava a maior parte dos sacrifícios particulares.

A pergunta que agora se impõe é esta: Que podemos fazer para "evangelizar" a religiosidade de popular brasileira?

A resposta não pode ser uma só, porque não existe uma só forma de religiosidade popular brasileira, mas diversas, segundo as regiões e as populações. Afinal, temos várias culturas no Brasil, a que nos trouxeram os portugueses e que constitui o suporte de toda a cultura nacional, mas também a influência determinante da cultura indígena, principalmente no nordeste, a dos africanos, nas grandes cidades do centro do País, a dos italianos, dos alemães, dos poloneses e, ultimamente, a dos japoneses... Nestas circunstâncias, a "evangelização" da religiosidade popular brasileira deve levar em conta os elementos característicos de todas estas culturas, conforme a sua in-

fluência em determinadas regiões e cidades. É um trabalho não só difícil mas delicado, que requer estudo, compreensão e prudência. Mas o que foi feito no passado, em circunstâncias nada melhores, pode ser feito no presente. Se a Boa Nova que nos trouxe Jesus de Nazaré, o Cristo e Senhor, conseguiu superar as tradicionais e arraigadas crenças da antiguidade pa-

gã e dos povos bárbaros que fundaram a Europa moderna, então porque não poderá superar as distorções da religiosidade popular brasileira, quando ela ainda é, apesar de todos os pesares, uma religiosidade fundamentalmente cristã?

Waldomiro O. Piazza, S.J.